



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/03/2020 a 12/03/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>  
Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>06/03/2020</b>	8,83	301,30	28,48	5,21	3,77
<b>09/03/2020</b>	8,63	296,60	27,31	5,22	3,74
<b>10/03/2020</b>	8,73	295,90	27,44	5,26	3,80
<b>11/03/2020</b>	8,67	295,90	27,30	5,17	3,79
<b>12/03/2020</b>	8,55	298,60	26,15	5,08	3,69
<b>Média</b>	<b>8,68</b>	<b>297,66</b>	<b>27,34</b>	<b>5,19</b>	<b>3,76</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média*</b>	<b>Var. % relação valor anterior</b>
RS - Passo Fundo	89,50	ND
RS - Santa Rosa	89,00	ND
RS - Ijuí	89,00	ND
PR - Cascavel	86,00	ND
MT - Rondonópolis	82,00	ND
MS - Ponta Porã	79,50	ND
GO - Rio Verde (CIF)	79,50	ND
BA - Barreiras (CIF)	80,50	ND
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	168,00	ND
Paraguai (FOB)**	146,00	ND
Paraguai (CIF)**	183,50	ND
RS - Erechim	49,50	ND
SC - Chapecó	49,00	ND
PR - Cascavel	50,00	ND
PR - Maringá	49,00	ND
MT - Rondonópolis	45,00	ND
MS - Dourados	46,00	ND
SP - Mogiana	56,00	ND
SP - Campinas (CIF)	59,00	ND
GO - Goiânia	50,00	ND
MG - Uberlândia	53,00	ND
<b>TRIGO (***)</b>		
RS - Carazinho	880,00	ND
RS - Santa Rosa	880,00	ND
PR - Maringá	1.050,00	ND
PR - Cascavel	1.000,00	ND

Período: 11/03/2020

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/03/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,15	83,35	44,83

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/03/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	49,30
Feijão (saco 60 Kg)	143,61
Sorgo (saco 60 Kg)	38,27
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,86
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,32**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,72

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago sentiram o efeito do Coronavírus que atinge o mundo todo, assim como o litígio entre Arábia Saudita e Rússia pelo preço do petróleo. Com isso, o primeiro mês cotado despencou, fechando a quinta-feira (12) em US\$ 8,55/bushel, contra US\$ 8,89 uma semana antes. Esta cotação, para o primeiro mês, não era vista desde a segunda semana de setembro do ano passado, ou seja, há seis meses.

Em paralelo, as exportações líquidas de soja por parte dos EUA voltaram a ficar fracas, atingindo apenas 345.000 toneladas na semana encerrada em 27/02. Esse volume representa um recuo de 35% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para 2020/21 as vendas ficaram em 1.400 toneladas, fato que levou o somatório dos dois anos a ficar muito abaixo do esperado pelo mercado.

Ao mesmo tempo, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 10/03, praticamente não trouxe novidades ao mercado, apenas consolidando os volumes nos EUA e aumentando a expectativa de safra no Brasil para 126 milhões de toneladas (volume que não está levando em conta, em princípio, a forte quebra de safra no Rio Grande do Sul). Com isso, a produção e os estoques finais sul-americanos foram elevados, ajudando a pressionar as cotações para baixo.

Nem mesmo a elevação da tarifa das retenções sobre a soja na Argentina, de 30% para 33%, ainda na semana passada (o que pode auxiliar a um melhor escoamento do produto estadunidense e brasileiro), conseguiu reverter o quadro baixista em Chicago.

Na prática, o derretimento das cotações nas Bolsas de Valores mundo afora, desde segunda-feira (09), impacta bastante nas commodities, embora de forma ainda moderada. O forte recuo do petróleo em boa parte da semana ajuda a trazer a cotação do óleo de soja para baixo e, por extensão, a do grão de soja igualmente.

Por sua vez, as inspeções de exportação de soja estadunidense fecharam a semana do 05/03 em 572.416 toneladas, acumulando no ano comercial um total de 30,1 milhões, contra 26,8 milhões no mesmo período do ano anterior.

Com o caos financeiro mundial provocado pelo coronavírus, nem mesmo as medidas de incentivo à economia, anunciadas por diversos países, surtem efeito sobre as cotações e o mercado em geral.

Neste contexto, os preços da soja no Brasil sobem apenas graças ao câmbio, como já ocorre há algumas semanas. A moeda brasileira, superou os R\$ 5,00 por dólar em alguns momentos do pregão deste dia 12/03, recuando posteriormente devido a mais uma forte intervenção do Banco Central brasileiro. Ainda assim, o Real continua muito desvalorizado.

Com isso, no curto prazo, o produtor de soja está ganhando pois o preço do saco, no balcão gaúcho, fechou a semana na média de R\$ 83,35 e com viés de alta caso a desvalorização se mantenha nos próximos dias. Os lotes, no mercado gaúcho, fecharam a semana entre R\$ 89,00 e R\$ 89,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 74,00 em Sorriso (MT) e R\$ 89,00 em Campos Novos (SC),

passando por R\$ 87,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 76,50 em São Gabriel (MS); R\$ 77,50 em Goiatuba (GO); R\$ 80,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 82,00/saco em Uruçuí (PI).

Afora isso, a comercialização da atual safra de soja atingia a 61% do total no Brasil até o dia 06/03, contra 46% na média histórica e 43% no ano anterior na mesma época. A forte alta dos preços, devido ao dólar, está levando os produtores a venderem rapidamente o produto. No Rio Grande do Sul, o volume vendido atingia a 36%, contra 26% na média; no Paraná 48%, contra 34%; no Mato Grosso 79% vendido, contra 59% na média; e em Goiás 65% negociado, contra 52% na média. (cf. Safras & Mercado)

Em relação a safra 2020/21, as vendas antecipadas, até o dia 06/03, atingiam a 14% em todo o país, sendo 5% no Rio Grande do Sul; 14% no Paraná; 23% no Mato Grosso; 12% no Mato Grosso do Sul e 10% em Goiás. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a colheita da atual safra de soja atingia, no mesmo dia 06/03, a um total de 49% da área nacional, contra 47% na média histórica nesta data e 52% no ano passado. O Mato Grosso já alcançava 91% colhido; Paraná 57%; Goiás 48% e Rio Grande do Sul apenas 5%. ( cf. Safras & Mercado) Importante destacar que a seca no Estado gaúcho provoca, hoje, uma quebra significativa na soja. Oficialmente a mesma já estaria em 35%, porém, tudo indica que possa chegar, pelo menos, a 50% já que não há chuvas na região desde a terça-feira de Carnaval, em 25 de fevereiro. Além disso, a qualidade do grão deixa muito a desejar, até o momento, na maioria das áreas colhidas.

## **MERCADO DO MILHO**

As cotações do milho também cederam durante a semana, pelos mesmos motivos encontrados na soja e demais commodities mundiais. Assim, o bushel do cereal fechou a quinta-feira (12) em US\$ 3,69, contra US\$ 3,84 uma semana antes.

O relatório do USDA, do dia 10/03, pouco trouxe de novidades, deixando o mercado agora na expectativa da intenção de plantio a ser divulgada no dia 31/03. A safra passada estadunidense ficou consolidada em 347,8 milhões de toneladas e a mundial em 1,11 bilhão de toneladas. A futura safra começará a ser estimada a partir do mês de maio.

Mesmo que o coronavírus, aparentemente, esteja sendo controlado na China, o problema agora é o resto do mundo e o Brasil, onde o mesmo avança fortemente e deixa os mercados em polvorosa, com quedas expressivas nas bolsas e forte valorização dos ativos refúgio, caso do dólar. O milho não fica indiferente a este problema, embora menos atingido.

Ao mesmo tempo, as exportações nos EUA continuaram muito fracas, somando 769.200 toneladas na semana anterior. Na Argentina, a falta de chuva em março já causa prejuízos, assim como no sul do Brasil as quebras são significativas, particularmente no Rio Grande do Sul onde, facilmente, a quebra do milho grão e silagem, somados, deve passar dos 50%. E mesmo que chova a partir de agora, as perdas são irreversíveis para o cereal.

A economia fragilizada por todos os acontecimentos recentes, não oferece perspectivas de recuperação de preços no curto e médio prazo. Além disso, é preciso esperar a intenção de plantio dos produtores estadunidenses para a próxima safra.

Enfim, há sinalizações constantes de paralisação do agronegócio na Argentina em reação a implementação de um aumento nas taxas de exportação da soja, fato que deverá atingir ao milho igualmente.

Aliás, na Argentina a tonelada FOB de milho recuou para US\$ 168,00 enquanto no Paraguai a mesma caiu para US\$ 146,00.

Aqui no Brasil, a falta do cereal em boa parte do país, especialmente em São Paulo, associada a quebras na safra de verão do sul e ao atraso no plantio da safrinha, devido às chuvas no Sudeste, mantém os preços firmes e com viés de alta. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 44,15/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 48,50 e R\$ 49,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 41,00 em Sinop (MT) e R\$ 56,50/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 54,00 em Alfenas (MG) e R\$ 49,50/saco em Videira e Concórdia (SC).

Mesmo com a colheita avançando no Paraná e outros Estados, os preços não cedem. No Paraná, por exemplo, se negocia milho a R\$ 50,00/saco FOB. A contínua desvalorização do Real estimula ainda mais a exportação do pouco milho disponível, forçando o aumento no preço do produto interno para que o mesmo fique no país.

Diante disso, grande parte do mercado vê como distorção o fato de a BM&F precificar preços mais baixos para maio neste momento, já que não há indicativos para isso.

Enquanto o mercado não vê pressão de venda no momento, a safrinha continua atrasada em seu plantio, agora com as chuvas começando a rarear também no Paraná e Mato Grosso do Sul. Assim, esta safrinha somente entrará no mercado no início de julho. Até lá, os preços continuarão pressionados para cima.

Segundo analistas, “em 2019 a safrinha começou a ser colhida no final de maio, com uma condição de clima perfeita. Uma safrinha recorde que promoveu um ajuste rápido dos preços à realidade da exportação. Em 2020, a situação é completamente adversa. O plantio está ocorrendo em fevereiro e março, e já faltam chuvas no Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai, sendo que as colheitas ocorrerão apenas do final de junho em diante e somente no Mato Grosso.” (cf. Safras & Mercado)

De fato, até o dia 06/03, o plantio da safrinha atingia a 78% da área esperada, contra 91% no ano anterior, nesta época, e 69% na média histórica. Dentre os Estados mais atrasados, tem-se São Paulo com apenas 37% semeado, contra 84% no ano passado; Minas Gerais com 27%, contra 60%; e Goiás com 66%, contra 87% no ano anterior.

Portanto, o mercado enfrenta agora, além de dificuldades no abastecimento, a falta de chuvas em algumas regiões produtoras e excesso de chuvas em outras. Assim, câmbio e clima serão dois elementos importantes para definir o mercado do milho nas próximas semanas.

Dito isso, a comercialização da safrinha futura atingia a 28% em meados deste mês de março, contra 17% no mesmo período do ano passado. Os produtores estão buscando garantir os excelentes preços praticados na atualidade no mercado nacional. O volume total da safrinha está estimado em 75 milhões de toneladas no Centro-Sul nacional, contra 74,4 milhões no ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a colheita da safra de verão chegava a 41% da área total em 06/03, ficando exatamente na média histórica e um pouco abaixo dos 43% registrados na mesma época do ano anterior. Como sempre ocorre, o Rio Grande do Sul, com 74% da área já colhida nesta data era o Estado mais avançado. Minas Gerais com 11% e Mato Grosso do Sul com 12% eram os Estados mais atrasados em relação a média histórica. (cf. Safras & Mercado)

A colheita total da safra atual (ano comercial 2020/21) deverá ficar em 104,8 milhões de toneladas, contra 107,4 milhões no ano anterior. As exportações recuariam para 29,7 milhões, após 41,2 milhões de toneladas em 2019/20. Mas isso ainda sem contabilizar adequadamente a quebra de safra no Rio Grande do Sul (por enquanto, das 5,9 milhões de toneladas esperadas, os gaúchos deverão colher 4,4 milhões, podendo este volume ficar ao redor de 4 milhões de toneladas e mesmo abaixo disso), as possíveis perdas com o atraso no plantio da safrinha, e o efeito da forte desvalorização do Real sobre as vendas externas, caso o câmbio continuar com a instabilidade atual.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo voltaram igualmente a recuar nesta semana, fechando a quinta-feira (12) em US\$ 5,08/bushel, contra US\$ 5,24 uma semana antes.

O mercado até tentou uma reação no início da semana, porém, a ampla oferta mundial, consolidada no relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 10/03, e a crise generalizada provocada pelo Coronavírus Covid-19 e pela guerra de preços no mercado do petróleo, acabaram por tirar o ímpeto dos preços do trigo.

E isso que as vendas externas líquidas de trigo, por parte dos EUA, foram boas na semana encerrada em 27/02, ficando em 542.400 toneladas, com um avanço de 27% sobre a média das quatro semanas anteriores. Já as inspeções de exportação, na semana encerrada em 05/03, atingiram a 415.548 toneladas.

Na Argentina, a tonelada FOB ficou em US\$ 245,00 para entrega em março. Com a nova e forte desvalorização do Real este produto chega aos moinhos paulistas valendo R\$ 1.265,00/tonelada e em Curitiba a R\$ 1.180,00. Portanto, continua havendo espaço para aumentos de preço junto ao produto brasileiro de qualidade superior, que está bastante raro.

Além disso, com a desvalorização do Real, as importações ficam a cada semana mais caras, estimulando os preços internos. Não há dúvida que os preços dos derivados, como a farinha, logo em seguida estarão mais elevados para o consumidor final, pois os moinhos não poderão segurar a elevação dos custos de importação.

Assim, o viés de alta se mantém para o preço do trigo nacional no médio prazo, estimulando um aumento de área a ser semeada no próximo inverno. Especialmente no Rio Grande do Sul, onde a quebra na safra de verão foi importante.

Por enquanto, o Brasil já teria importado um pouco mais de um milhão de toneladas da Argentina, de um total de 7 milhões que terá de comprar neste ano comercial. Como não há trigo nacional suficiente (nunca houve) e, neste ano, ainda menos devido a forte queda na qualidade da última safra, as importações terão que ocorrer rapidamente, embora os moinhos estejam segurando ao máximo as mesmas na expectativa de uma acomodação do câmbio.

Dito isso, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 44,83/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 52,80/saco. No Paraná os lotes permaneceram entre R\$ 60,00 e R\$ 63,00/saco. Já em Santa Catarina, a região de Campos Novos registrou R\$ 54,00. No balcão, o Paraná manteve os valores de R\$ 50,00/saco e Santa Catarina R\$ 46,00/saco.

Em síntese, a semana fecha com o mercado do trigo atingido pelos distúrbios econômico-financeiros mundiais, fato que alimenta o viés de alta do produto, especialmente se o Real continuar nos atuais níveis de desvalorização.